

Reforma em escola custa 20 milhões

A Fundação Educacional irá desembolsar NCz\$ 20 milhões para reformar 32 escolas, atualmente em fase final de licitação, e construir sete novas unidades, de acordo com a diretora de Engenharia da FEDF, Mara Gomes. Além destas obras, já se encontram em reforma 23 escolas, cujos reparos custaram NCz\$ 500 mil à Secretaria de Educação. A maior parte das obras não estará concluída no dia 27, quando começa o ano letivo, o que não acarretará em alteração no calendário escolar.

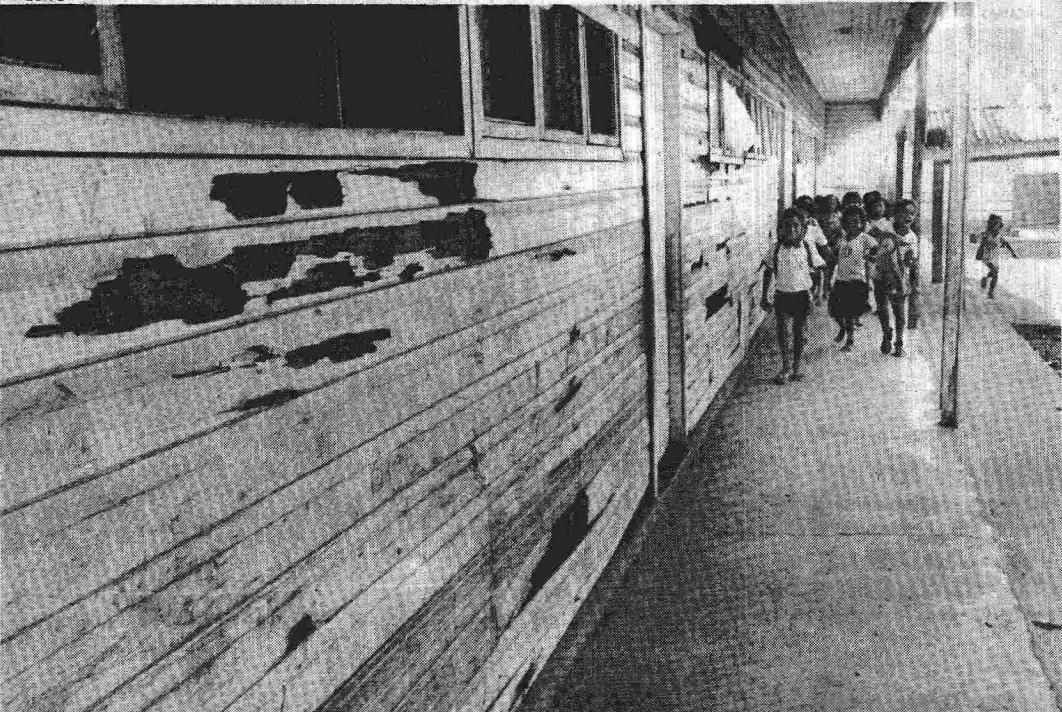
Mara Gomes explicou que as escolas já foram comunicadas da necessidade de realização de reformas em blocos, mantendo uma ocupação parcial das instalações para viabilizar a continuidade do ensino. As sete novas escolas serão localizadas na Vila Paranoá, Vila Planalto, Gama, Samambaia e três em Ceilândia. Os terrenos do Paranoá e Planalto já estão escolhidos, dependendo apenas de autorização do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma).

Ainda em fevereiro, serão

concluídas algumas obras como das Escola-Classe nº 4, do Gama, e Escola Parque, da Q. 303/304 Norte, onde estão sendo feitos reparos na piscina e casa de máquinas. Na unidade do Gama, o trabalho consiste basicamente em recuperação de telhados. Entre as 23 escolas, cujas reformas já se encontram em andamento, há cinco em Taguatinga, três em Ceilândia, quatro no Gama, três no Núcleo Bandeirante, três no Guará, duas em Brazlândia e uma em Planaltina, além de duas no Plano Piloto.

O trabalho envolve colocação de grades em janelas, construção de muro, construção de fossa séptica, substituição de cobertura, recuperação de estrutura (esquadria), reforma e impermeabilização de caixa d'água, colocação de postes, construção de poço artesiano e reforma e ampliação de banheiros. Além destas atividades, a Fundação Educacional está ainda promovendo um trabalho de limpeza e conservação das 384 escolas da rede, com o objetivo de mantê-las com melhor aspecto.

ARQUIVO



Além da reforma, serão construídas mais sete escolas e o ano letivo poderá atrasar

Até cobra vai às aulas

Cacos de vidro e fezes de cão-chorro no chão, falta de grade nas canalhetas e de merenda escolar, instalações elétrica e hidráulica com problemas, um brejo e muito matagal, além de falta de segurança para os alunos. Estes são alguns dos muitos problemas das escolas da rede pública de Taguatinga e Ceilândia. O CORREIO BRAZILIENSE visitou ontem duas dessas escolas, cada qual com um apelido que define bem as características delas: "escolas das cobras", cujo nome oficial é Escola-Classe número 10, de Taguatinga Sul, e, "escola presídio", que é a Escola-Classe 17, do Setor "O" de Ceilândia.

O principal problema da Escola-Classe número 10, localizada na QSD 18, área especial 23, em Taguatinga Sul, é o matagal sobre um brejo nos fundos da escola. As habitantes do brejo, as cobras, são tantas, que já se fala que elas também querem se matricular na escola. A diretora, Maria Elizabeth Abraão, coleciona em vidro várias espécies de ofídios.

Depois de cinco anos solicitando e até implorando que o matagal da escola fosse cortado, Elizabeth ficou anteontem parcialmente satisfeita ao receber na escola uma equipe do SLU, que cortou parte do matagal. Ontem, porém, o trabalho não foi complementado.

A verdadeira "odisséia" para se cortar o matagal começou há cinco anos. Vários ofícios foram encaminhados a todos os órgãos do GDF e nada. O último pedido foi feito há três dias para a se-

cretaria de Educação, Josephina Baioçchi. No ofício, a diretora da escola apelou para o emocional, afirmando que a "área é extensa e totalmente imunda, o que facilita o crescimento do mato, infestado de cobras". Diz ainda que as medidas até então adotadas foram "paliativas, o que coloca em risco de vida uma comunidade com mais de mil alunos, pais e funcionários".

Em rápida visita a esta escola foi fácil detectar que as crianças bebem água não potável, em bebedouro com torneiras estragadas. Os riscos, além das cobras, são muitos. Faltam grades nas canalhetas e as que existem estão enferrujadas e constantemente cortam as crianças. As portas das salas de aula são de latão e com o calor do sol ficam tão quentes que chegam a queimar quem as toca.

A falta de segurança devido aos marginais é constante. A diretora Elizabeth, por exemplo, estava ontem respondendo a uma sindicância, a fim de esclarecer o roubo de três máquinas de datilografia ocorrido no dia 28 de janeiro. Segundo a diretora, a Rocan prende, com frequência, viciados e marginais que se drogam no muro da escola. A reportagem do CORREIO chegou a encontrar uma seringa usada por viciados dentro da escola.

Segurança é o principal problema que outra escola enfrentou. A Escola Classe 17, do Setor "O" de Ceilândia, ficou conhecida no ano passado por ser a escola presídio.

Algumas diretorias regionais de ensino esperam contar com a participação da comunidade para acelerar pequenas reformas nas escolas da rede oficial. E o caso da regional da Ceilândia e de Taguatinga, onde diretores pretendem solicitar à população que auxilie em reparos nos colégios. Somente um dos 73 estabelecimentos da Ceilândia não precisará de obras de recuperação, sendo que quatro passarão por reformas gerais e terão de ser praticamente reconstruídos.

Em outros 10 colégios haverá grandes reformas e em 58, onde os problemas são menores, serão feitos reparos como consertos de instalações elétricas e hidráulicas. A diretoria já conta com 40 por cento do material necessário para as reformas e na próxima semana as três equipes de obras devem começar o trabalho de recuperação. Segundo o diretor da regional, Aluísio Ferreira Lima, os pequenos reparos devem durar dois meses.

Mas esse prazo dificilmente será cumprido sem o auxílio da comunidade pois somente as três equipes da regional levariam muito tempo para executar todo o trabalho. Os pequenos reparos nas instalações físicas das escolas são executados por equipes das diretorias regionais, com material fornecido pela Fundação Educacional. As grandes reformas e reconstru-

ções ficam por conta da Novacap.

Em Taguatinga, o diretor da regional, Paulo Sérgio Fagundes Martins, também espera a ajuda da comunidade, especialmente porque os funcionários da equipe de obras estão empênhados na construção da Escola do Mutirão. Paulo não pretende convocar mutirões por considerar que eles não dão bons resultados, mas conta com o apoio de pais que saibam fazer pequenos reparos.

Quatro escolas públicas da satélite — o Centro Educacional Ave Branca, a Escola Industrial, e Escolas-Classe 23 e 39 — passarão por grandes reformas. Em outras 15 haverá apenas pequenos reparos. Em Sobradinho, seis escolas serão reformadas pela Novacap e todas as outras 28 passarão por pequenas cbras. A diretoria de ensino também foi buscar auxílio externo e está recebendo ajuda da Administração Regional.

CEDF avalia recuperação

O Conselho de Educação do Distrito Federal (CEDF) decidiu hoje, a partir das 16h, a instalação ou não de uma segunda etapa de recuperação na rede oficial de ensino, destinada aos alunos reprovados em duas disciplinas, no máximo, em 1988. A medida, idealizada em função do alto índice de repetência verificado ano passado — 36,3 por cento, em média — deverá, segundo posicionamento antecipado de alguns conselheiros, ser aprovada sem maiores obstáculos, "já que está respaldada em bases legais".

Os membros do CEDF ressaltam, entretanto, que o parecer elaborado na Secretaria de Educação, e encaminhado para deliberação no conselho, busca institucionalizar a "recuperação extraordinária", que ocor-

reria sempre no mês de fevereiro subsequente ao ano letivo cursado. Alertam que o período estipulado inviabilizaria a estratégia de matrícula da Fundação Educacional, tendo em vista que não haveria condições, antes de finalizado o reforço do aprendizado e as provas, de se fazer a projeção do aluna-

do. Este ano, por exemplo, o término da recuperação coincidirá com o início das aulas, dia 27 próximo mas a FEDF não tem conhecimento, com exatidão, quantos estudantes comporão cada série. Os conselheiros salientaram a necessidade da medida, argumentando que a produtividade do sistema educacional, principalmente em 1988, apresentou índices alarmantes de queda.